



ENSAIOS EM PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA OU LÍNGUA ESTRANGEIRA

*Papers in Portuguese
as a second or foreign language*

A diretividade e a indiretividade analisadas
no cenário educacional: uma proposta
reflexiva sobre traços culturais subjetivos
brasileiros

Lucas Rezende Almeida

A diretividade e a indiretividade analisadas no cenário educacional: uma proposta reflexiva sobre traços culturais subjetivos brasileiros
Lucas Rezende Almeida

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo revelar o fenômeno da diretividade/indiretividade no cenário da sala de aula, partindo do estereótipo social de sermos uma sociedade indireta e cordial (HOLLANDA, 2006). Para isso, trabalhamos com diferentes autores interculturais que discutem este fenômeno cultural como Peterson (2004), Lewis (2006) e Hofstede (2010), além de apresentarmos os conceitos de ameaça à face desenvolvido por Goffman (1970) e seus seguidores. Através de um questionário respondido por alunos do nível inicial e médio de escolas públicas mineiras, desenvolvemos um estudo quantitativo de suas reações à cenários que impulsionariam a desenvolverem atitudes ora diretas ora indiretas. Concluímos que o professor age muito mais diretamente no ensino inicial do que no ensino médio, enquanto que os alunos possuem uma atitude mais diretiva em ambos os níveis educacionais, o que nos revela uma posição diferente a levantada por alguns estudiosos da cultura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: PL2E, diretividade, indiretividade, interculturalismo.

Directivity and indirect approach in the educational scenario: a reflexive proposal on Brazilian cultural traits
Lucas Rezende Almeida

ABSTRACT

This article aims to reveal the phenomenon of directivity / indirectness in the classroom scenario, starting from the social stereotype of being an indirect and cordial society (Holland, 2006). In order to achieve this objective, we work with different intercultural authors that discuss this cultural phenomenon as Peterson (2004), Lewis (2006) and Hofstede (2010), besides the concept of face developed by Goffman (1970) and his followers. Through a questionnaire answered by students from the initial and middle level of public schools in Minas Gerais, we developed a quantitative study of their reactions to the scenarios that would lead to the development directly or indirectly. We conclude that the teacher acts much more directly in the initial education than in the secondary education, while the students have a more directive attitude in both educational levels, which reveals a different position to that established by some scholars of Brazilian culture.

KEY WORDS: PL2, directivity, indirect, intercultural approach

1. INTRODUÇÃO

Existe um forte estereótipo sobre a habilidade brasileira de ser agradável romper barreiras e atravessar continentes, convidando povos de diferentes regiões do mundo a conhecê-la. O país considerado amável recebe diversos estrangeiros que pretendem aprender não só a língua portuguesa, mas também esse tão complexo jeito brasileiro carinhoso. Neste trabalho, procuramos descrever um dos traços culturais subjetivos que marcariam a sociedade brasileira no que lhe conferem os atributos acima descritos de agradabilidade. Para isso, realizamos um questionário com alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio de escolas públicas mineiras com o objetivo de identificar o quão o cenário educacional brasileiro é um ambiente diretivo ou indiretivo.

1.1 HIPÓTESE E MOTIVAÇÃO

A hipótese inicial desta pesquisa surge junto com a motivação para desenvolvê-la. Depois de um ano experimentando a vida acadêmica nos Estados Unidos, percebemos um comportamento indiretivo tanto na relação professor-aluno quanto na relação entre a nova geração ou geração Z da cultura americana. Comportamento indiretivo este não esperado pelo pesquisador, que havia tomado conhecimento de teorias do interculturalismo que apontavam ~~antes~~ uma tendência cultural diretiva na sociedade americana. A partir dessa suposta contradição entre os estudos teóricos e a experiência física como estrangeiro surgiu a motivação para verificarmos se os traços culturais referentes à diretividade e indiretividade brasileiras propostas pelos autores interculturais se confirmavam na prática escolar. Nossa hipótese, portanto, é que brasileiros possuem um comportamento muito mais diretivo do que o proposto pelos pesquisadores interculturais supracitados neste trabalho, principalmente no ambiente educacional.

1.2 OBJETIVOS

O principal objetivo deste trabalho é identificar como o aspecto cultural da diretividade e da indiretividade é realizado no espaço educacional na cultura brasileira.

Os objetivos específicos são:

- (1) identificar em quais situações os alunos apresentam comportamentos mais diretos ou indiretos tanto no ensino médio como no ensino fundamental em escolas públicas mineiras.
- (2) identificar em quais situações os alunos acreditam que seus professores apresentarão comportamentos mais diretos ou indiretos tanto no ensino médio como no ensino fundamental em escolas públicas mineiras.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 A PERSPECTIVA INTERCULTURAL SOBRE DIRETIVIDADE E INDIRETIVIDADE

Um estereótipo positivo associado ao povo brasileiro sem sombra de dúvidas é a cordialidade e a simpatia. Por meio destas simples características tidas como comuns a nosso país temos uma série de outros elementos culturais subjetivos que nutrem essa pré-imagem. Uma delas também facilmente detectada por estrangeiros é a indiretividade do discurso brasileiro, que busca promover a harmonia nas interações sociais e evitar conflitos face a face, seja por meio de uma palavra, um gesto ou um largo sorriso seguido de uma concordância. Concordância que muitas vezes não reflete a real vontade do falante, mas sim as expectativas que ele projeta sobre aquilo que o ouvinte desejaria escutar. Neste artigo pretendemos detalhar mais essa característica cultural com base em três pesquisadores interculturais - Peterson (2004), Hofstede e Lewis - delimitando e explicando como eles definem esse traço.

Começaremos com Peterson (2004), por ser ele o único autor dentre os aqui analisados que apresenta a categoria diretividade - indiretividade como uma das cinco escalas propostas para caracterizar uma cultura. Peterson (2004) define e identifica cultura por meio de escalas que apresentam características que tenderiam a estarem ora presentes, parcialmente presentes ou ausentes em diferentes grupos culturais. Dentre as cinco principais escalas propostas pelo autor, a diretividade e indiretividade ocupa a segunda posição.

Segundo o autor, pessoas diretas preocupam-se com o que se tem para falar, estão mais abertas a confrontos e dificuldades, dizem seus pensamentos de maneira mais clara, expressam pontos de vista de maneira mais franca; já pessoas indiretas preocupam-se mais com a maneira como algo será falado, evitam tratar de dificuldades, expressam preocupações normalmente não utilizando a linguagem verbal, mas por meio de abraços e toques; apresentam suas opiniões de

maneira diplomática e pensam sobretudo em como o ouvinte irá interpretar o que será dito. (PETERSON, 2014: 38, 40)

Além disso, o autor destaca outras características referentes a diretividade, como a ênfase na utilização de contratos legais nas negociações que devem ser cumpridos pontualmente, e a indiretividade, como a importância do silêncio nas conversas como momento de reflexão sobre a fala anterior. Ainda com o intuito de caracterizar essa sua escala, Peterson (2004) relaciona essa característica com a forma de comunicação de pessoas diretas e indiretas. Pessoas indiretas tendem a tornar o discurso circular ao invés de apresentar logo seus pensamentos e conclusões, e acabam sendo interpretadas de forma negativa, como desonestas, por não dizerem realmente o que estão pensando. Dessa forma, Peterson (2004) sugere que pessoas diretas, diante de um cenário comunicativo intercultural, tendem a fazer perguntas que não exijam respostas afirmativas ou negativas, dando ao indivíduo indireto a oportunidade de não sentir-se obrigado a concordar com algo que não aprova.

O autor alerta para a interrelação entre a escala da categoria diretividade/indiretividade com a categoria hierarquia/igualdade. Ao tratar anteriormente da escala hierarquia/igualdade, ele relaciona o fato de sociedades igualitárias enxergarem todos os indivíduos como iguais, sendo todos aptos a optarem de maneira mais franca sobre quaisquer assuntos, enquanto em sociedades mais hierarquizadas o poder de alguns indivíduos sobre outros torna a indiretividade um elemento primordial para o contrato social ali firmado. Esta interrelação proposta por Peterson (2004) é fundamental para a análise deste traço nos demais autores, visto que Hofstede (2010) e Lewis (2006) apresentam um quadro descritivo diferente que não parte da diretividade/indiretividade como definidora de culturas.

A proposta de Lewis (2006) segmenta os países em linhas de um triângulo que teria em suas arestas três principais grupos culturais diferentes: multi-ativos, reativos e lineares-ativos. A partir desta categorização, Lewis (2006) apresenta características de cada um desses grupos. A indiretividade nesta perspectiva está relacionada mais diretamente aos povos reativos, representados majoritariamente pelos países da Ásia. Descrito como detentores de um comportamento mais polido e introspectivo, reativos tendem a usar do humor como forma de evitar qualquer depreciação que possa afetar sua dignidade em uma interação social, tornando seu estilo comunicativo s vezes pouco claro e até duvidoso, vista a preocupação em manter a harmonia no grupo social.

O fenômeno da diretividade/indiretividade aparece em Lewis (2006) através da descrição culturalmente dos países que ele classifica dentro desta pirâmide cultural. Os países em que o autor menciona a indiretividade como um traço forte cultural são a Romênia, China, Japão, Indonésia, Índia, Colômbia, Malásia, Uzbequistão e Cazaquistão. Vale destacar desde já que para o autor o Brasil não apresenta a indiretividade como um dos seus traços descritivos culturais principais. Ao descrever aqueles países, portanto, o autor acrescenta os seguintes comportamentos de pessoas indiretas: (a) respeitam os pontos de vista dos membros mais velhos da comunidade, como no caso de sociedades hierarquizadas; (b) tendem a usar habilidades comunicativas indiretas nas negociações, como o artifício da barganha pelos indianos; (c) podem ser ambíguos e normalmente produzem questionamentos prolongados para dizer suas intenções, como os indonésios; (d) usam uma linguagem específica ou mais polida com superiores, conforme podemos perceber nos japoneses e chineses.

Assim como Lewis (2006), Hofstede (2010) não apresenta uma categoria sobre indiretividade e diretividade. A proposta de Hofstede é a produção de gráficos em que ele possa mensurar seis dimensões capazes de caracterizar as culturas nacionais. Citamos nessa revisão aquelas categorias as quais acreditamos ter uma relação mais próxima com o par diretividade/indiretividade.

A primeira dimensão da qual trataremos neste trabalho é a da distância do poder. Para o autor, algumas sociedades lidam de forma melhor com a diferença de poder do que outras, em que os indivíduos são vistos como únicos e, portanto, não haveria razão para alguns possuírem mais privilégios do que outros. Esta dimensão está intimamente relacionada com a ideia de hierarquia e igualdade também defendida por Peterson (2004). Sociedades que possuem maior distância de

poder tendem a tratar seus superiores com mais respeito, utilizando uma linguagem mais indireta a fim de tentar evitar ao máximo qualquer impressão negativa. O Brasil teria 69 pontos nesse quesito, sendo um país que apresentaria grande distância de poder, o que ocasionaria o seu traço indiretivo.

Relacionado a esta dimensão, temos o individualismo, que se oporia ao coletivismo. Sociedades coletivistas tendem a ver o indivíduo como parte de um grupo que deve ser considerado e respeitado acima de seus próprios interesses. Sociedades coletivistas tendem a compartilhar mais seus problemas e seus itens pessoais, evitando atitudes que possam ameaçar a face de algum integrante do grupo, procurando confirmar as expectativas deste ouvinte/grupo social ao qual está se dirigindo. O Brasil, por sua vez, teria uma pontuação de 38 pontos para a dimensão individualista, o que nos caracteriza como uma sociedade mais coletiva. O coletivismo, conforme descrito acima, possui como uma de suas características a indiretividade. Ao tentar proteger a face do ouvinte/grupo social ao qual se direciona ou pertence, o locutor usa de artifícios verbais e não verbais para produzir uma harmonia social típica de sociedades coletivas.

Por fim, a última dimensão que acreditamos estar ainda relacionada com a característica da diretividade/indiretividade seria a masculinidade, que teria como par oposto a feminilidade. Uma sociedade masculina se importaria mais com os fins de um processo e com os fatos e estatísticas que o movem, focaria mais nas aquisições pessoais e nos objetivos individuais. Uma sociedade feminina, por outro lado, se importaria mais com o processo para alcançar seus objetivos e pensaria mais nas necessidades para alcançá-los segundo as necessidades do grupo. O Brasil apresenta 49 pontos na dimensão masculinidade. Nesse quesito, portanto, não estaríamos necessariamente relacionados com a indiretividade, mais ligada à dimensão feminilidade. Acreditamos que essa pontuação, que difere das demais em geral, justificaria alguns comportamentos diretivos da sociedade brasileira.

A seguir, analisamos o questionário realizado para esta pesquisa com o objetivo de verificarmos se a descrição cultural apresentada acima confere com o cenário educacional no Brasil.

2.3 UMA ABORDAGEM LINGÜÍSTICA DO FENÔMENO CULTURAL DA DIRETIVIDADE E DA INDIRETIVIDADE

A linguística estuda a diretividade e a indiretividade sobretudo no terreno da pragmática, ao desenvolver estudos sobre o conceito de face. Goffman (1970:13) foi o primeiro a conceituar o termo face na pragmática. Para ele, a face compreende o valor social positivo que uma pessoa reclama efetivamente para si mesma em uma interação social, ou seja, os atributos sociais aprovados e compartilhados a seu respeito dentro de uma interação social. Dessa forma, em sua perspectiva, o indivíduo pode assumir dois pontos de vista diferentes: ora uma orientação defensiva, em que pretende preservar a sua face, ora uma orientação protetora, em que pretende preservar a face do outro. Em nosso trabalho, analisamos as duas orientações: quando o aluno reflete sobre o seu comportamento e também sobre o comportamento do outro, o professor, na sala de aula.

Os estudos relacionados a face baseados em Goffman prosseguiram com a perspectiva de Brown e Levinson (1978), que incorporaram a visão do investimento emocional que é realizado ao se preservar uma face, podendo ser a mesma perdida, mantida ou intensificada na interação social. Para esses autores, a face é algo vulnerável de forma mútua, isto é, a face de um indivíduo depende prioritariamente da face de todos os outros que estão na interação social. A partir desta perspectiva, Brown e Levinson segmentaram as faces em dois grupos: a face negativa, que envolve a liberdade de ação e a de sofrer imposições, o desejo de não ser impedido pelo outro; e a face positiva, que representa a auto-imagem da qual os interlocutores necessitam, o seu desejo de aprovação social.

Baseado nos estudos de Brown e Levinson, Marcuschi (1989) pontua os atos que seriam responsáveis por ameaçar a face. Nesta pesquisa, nos detemos apenas naqueles que ameaçam a face positiva do ouvinte (desaprovação, insultos, acusações) ou a do falante (auto-humilhação, auto-confissões) através dos cenários apresentados na análise dos dados. Silva (1998) assim descreve o cenário da sala de aula quanto à teoria pragmática da face.

“Na sala de aula, pela própria natureza das relações entre professor e aluno, há um constante movimento de ameaça e preservação das faces. Para que as relações entre os participantes da interação na sala de aula possam desenvolver-se de maneira satisfatória, há um verdadeiro jogo para atenuar os efeitos das ameaças à face de um ou de outro. Com isso, os elementos implicados na interação fazem diversas tentativas para minimizar as ameaças à face. Para isso, utilizam-se de diversas formas de polidez, sem elas positivas ou negativas.” (SILVA, 1998: 109)

Baseados nesta descrição da sala de aula proposta por Silva (1998), iniciamos a nossa discussão dos dados sobre a diretividade e indiretividade gerados no espaço da sala de aula.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

Esta pesquisa se baseia em um questionário realizado no ano de 2017 em uma escola estadual de Minas Gerais. O questionário foi aplicado a alunos do ensino fundamental e a alunos do ensino médio. Houve uma tentativa de aplicação do questionário a alunos da graduação, entretanto, para este artigo preferiu-se ignorar os dados; explicamos por que a seguir. Após a aplicação do questionário, percebemos que todos os graduandos eram vinculados a cursos relacionados à área de docência, o que, por sua vez, não revelaria dados representativos de estudantes do ensino superior como um todo, visto que acreditamos que as respostas de graduandos vinculados a docência tenderem a comportamentos mais indiretos, conservando a face de seus professores. Contamos então com a participação de 31 alunos do ensino fundamental, 34 alunos do ensino médio e também 10 alunos da graduação - estes, como firmado acima, descartados na análise.

O questionário foi formulado supondo situações de ameaça à face em que alunos e professores estivessem interagindo. As alternativas apresentavam possíveis soluções para a situação-problema exposta, dentre as quais os alunos eram levados a escolher apenas uma., Abaixo, descrevemos mais minuciosamente cada elemento deste questionário, explicando a sua natureza e seus participantes.

3.1 A NATUREZA DO QUESTIONÁRIO

O questionário desenvolvido neste estudo é um questionário semi-aberto, ou seja, as quatro perguntas que versavam sobre comportamentos diretos ou indiretos da cultura brasileira possuíam de quatro a cinco opções para que os participantes escolhessem qual a melhor atitude que o descreveria, e, além dessas opções, apresentava uma alternativa chamada **outro**. Nesta opção, caso o participante não se identificasse com as soluções anteriores, ele poderia discursar sobre a postura a qual ele tomaria.

Além das quatro questões interessadas em identificar comportamentos diretos ou indiretos da cultura brasileira no cenário educacional, criamos três perguntas que consideramos identificadoras quanto ao sexo, idade e nível de escolaridade. Essas perguntas servem para traçar um cenário da educação pública no Brasil. O questionário foi realizado em uma escola pública reconhecida e tradicional de Minas Gerais que recebe alunos de diferentes níveis econômicos e sociais.

As alternativas das perguntas variam de uma atitude mais direta até uma atitude mais indireta quanto à situação-problema proposta, entretanto, essas alternativas não eram apresentadas em uma escala progressiva de um comportamento mais direto até um mais indireto ou vice-versa, elas vinham embaralhadas, procurando evitar um resposta tendenciosa do aluno.

A pesquisa foi realizada por um encontro face-a-face do professor desses alunos. O enunciado cabeçalho da pesquisa era **Bemvindo a esse questionário sobre a sua relação com seus professores**. Optou-se por apresentar o questionário dessa forma para que os participantes não relacionassem as suas respostas a uma postura mais direta ou indireta, tangenciando o tema da pesquisa para apenas a relação aluno-professor. Após este enunciado, o participante era alertado que suas respostas eram confidenciais e em nenhum momento solicitamos o seu nome ou qualquer documento identitário que o identificasse.

A aplicação do questionário foi feita por meio de um aplicativo em um iPad chamado *QuickATapSurvey*. Este aplicativo permite ao pesquisador elaborar uma interface motivadora para que o participante se interesse por responder as perguntas. Tratando-se de alunos de escola pública, era necessária uma alternativa diferente, interpretada por eles como divertida, para que eles se interessassem pela leitura e pela real participação na pesquisa. Acreditamos que a utilização da tecnologia e a consciência deles de estarem participando de uma pesquisa de um doutorado os motivaram a responder as perguntas e a colaborar com este estudo.

3.2

OS

PARTICIPANTES

Os participantes selecionados para essa pesquisa podem ser classificados como a nova geração ou os *the Millennials* conforme proposto por Afonso (2016).

Men and women currently aged 18-33 have more college degrees, armor diverse, and more likely to live in urban centers than past generations of the same age. And Millennials, are less likely to be military, veterans, less likely to be married, and less likely to be working. (“How Millennials today compare with their grandparents 50 years ago”, 2015)

Segundo Afonso (2016), a nova geração, ou geração Z, como seria a tradução para o português, representa os novos jovens e adolescentes que nasceram após o ano 2000 e possuem certos comportamentos em comum. Nesta perspectiva, essa nova geração teria mais acesso à educação, conforme podemos verificar, por exemplo, através dos programas políticos educacionais de inserção de toda criança na escola pública no Brasil. Outra característica seria a dificuldade desses participantes em se inserirem no mercado de trabalho, vista a alta demanda de profissionais qualificados e preparados para exercerem os mais diversos cargos em empresas diferentes. Um terceiro elemento identificador deste grupo seria o desinteresse pelo casamento logo quando iniciam a vida adulta, vistas as dificuldades econômicas as quais eles enfrentam: o ideal de constituir uma família requer uma condição financeira mais estável, o que exigiria, portanto, maior tempo no mercado de trabalho.

O público de nossa pesquisa são adolescentes e jovens entre 10 a 25 anos cursando a educação básica pública exigida pelo governo como direito de todo cidadão brasileiro, refletindo assim as características relacionadas à geração Z como visto acima. Vale destacar, entretanto, que o terceiro elemento identificador da geração Z - a respeito do desinteresse de casar-se - diferencia-se nesses jovens participantes deste estudo. Os jovens brasileiros de escola pública não se interessam pelo casamento, por outro lado, eles também não veem a gravidez como necessariamente a constituição de uma família. Invasos por uma mídia que valoriza e glorifica as práticas sexuais frente à constituição familiar, eles não associam a situação da gravidez como o início de uma criação de uma família.

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1 PERGUNTAS IDENTIFICADORAS

Neste tópico, abordaremos de maneira integrada as três perguntas identificadoras referentes ao sexo, à idade e ao nível de escolaridade. Vale ressaltar que o mesmo questionário aplicado no ensino fundamental foi aplicado no ensino médio; entretanto, ao utilizarmos o aplicativo, copiamos o questionário duas vezes para que os resultados referentes ao do ensino fundamental não se confundissem com os do ensino médio. Abaixo apresentamos o gráfico referente à idade e ao sexo desses grupos. Os dois primeiros gráficos são referentes ao ensino médio e os dois últimos, ao ensino fundamental.

DADOS REFERENTES AO ENSINO MÉDIO

DADOS REFERENTES AO ENSINO FUNDAMENTAL

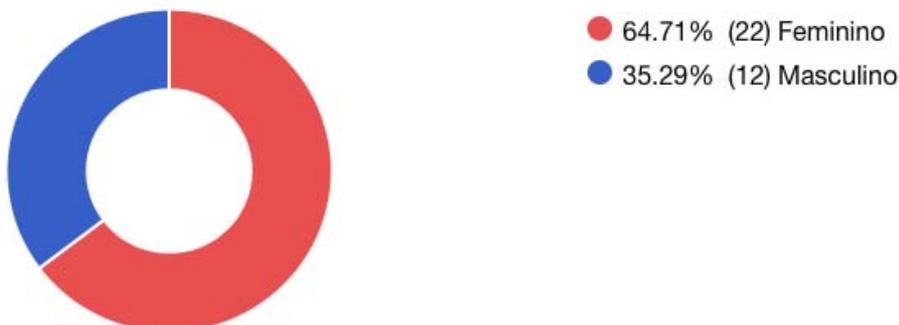
2. Quantos anos você tem?

Resultados baseados em 34 respostas a esta questão



3. Qual o seu sexo?

Resultados baseados em 34 respostas a esta questão



Os dados obtidos no Ensino Médio para as perguntas identificadoras são o inverso dos dados obtidos no Ensino Fundamental. Enquanto no Ensino Fundamental todos os alunos possuem

2. Quantos anos você tem?

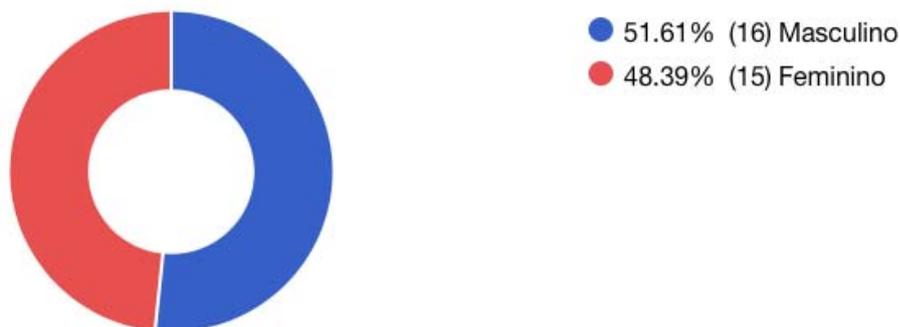
Resultados baseados em 31 respostas a esta questão



a idade considerada aceitável para este nível de escolaridade, no ensino médio, temos mais de 20% dos

3. Qual o seu sexo?

Resultados baseados em 31 respostas a esta questão



participantes com idade considerada avançada para este nível educacional. A singela presença de mais mulheres no ensino médio do que de homens também é oposta no ensino fundamental, que possui mais homens do que mulheres.

4.2 PERGUNTAS REFERENTES A DIRETIVIDADE E A INDIRETIVIDADE NO CENÁRIO EDUCACIONAL

Nesta seção, vamos descrever o resultado para os dois cenários interacionais que analisamos neste trabalho. No primeiro, trataremos de observar como os alunos analisam os comportamentos de seus professores em cenas de ameaça a face. No segundo, observaremos como os alunos veem os seus próprios comportamentos em relação aos seus professores também em cenas de ameaça a face.

4.2.1 A VISÃO DO ALUNO SOBRE O COMPORTAMENTO DIRETIVO X INDIRETIVO DO PROFESSOR

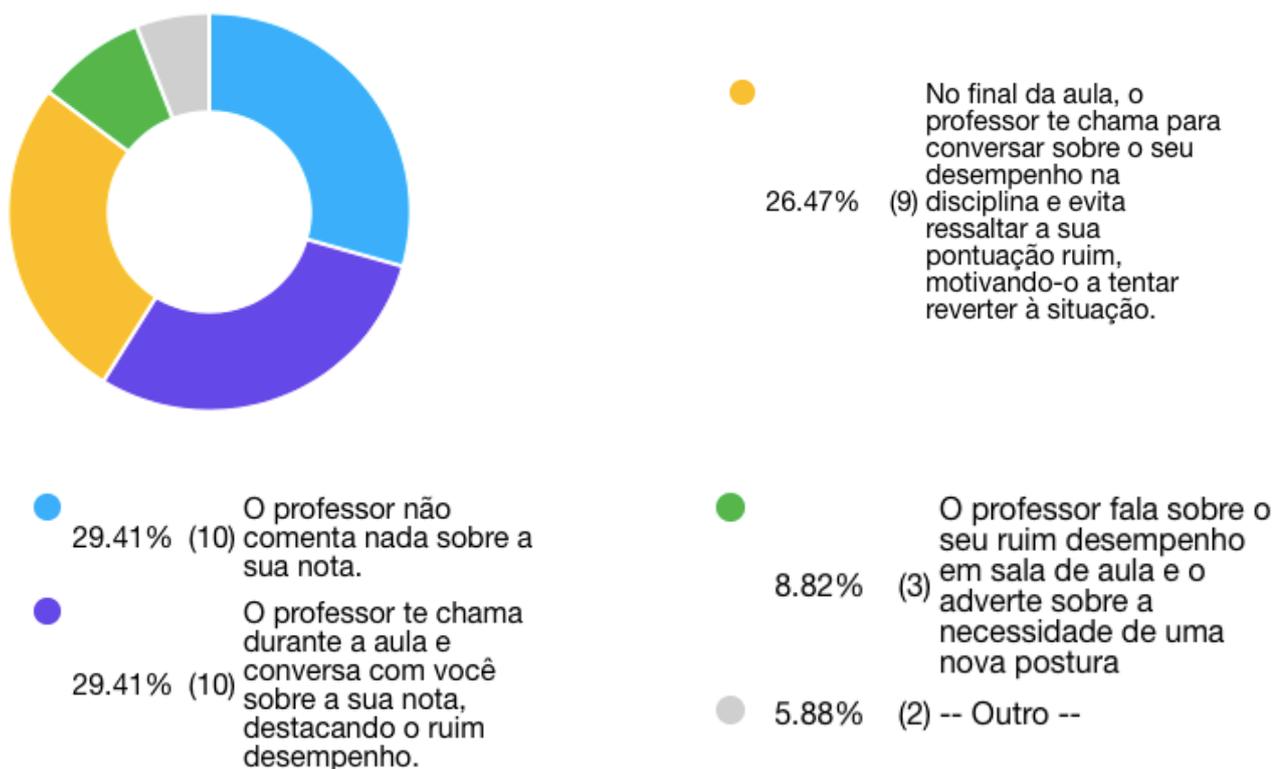
4.2.1.1 PRIMEIRA SITUAÇÃO: DESEMPENHO INSATISFATÓRIO NA DISCIPLINA

Nesta situação, propomos uma cena na qual o aluno possui um mau desempenho na disciplina e de que forma o professor o alerta sobre tal situação. Para isso, foi elaborada a seguinte pergunta: Qual das opções abaixo melhor descreve a atitude da maioria dos seus professores quando você não tem um desempenho satisfatório na disciplina ministrada por ele?

As soluções a esta situação estão apresentadas abaixo em ordem escalar de um comportamento mais indireto para o mais direto. Observe:

- O professor não comenta nada sobre a sua nota.
- No final da aula, o professor te chama para conversar sobre o seu desempenho na disciplina e evita ressaltar a sua pontuação ruim, motivando-o a tentar reverter à situação.
- O professor te chama durante a aula e conversa com você sobre a sua nota, destacando o mau desempenho.
- O professor fala sobre o seu mau desempenho em sala de aula e o adverte sobre a necessidade de uma nova postura.
- O professor fala a sua nota e te critica na frente dos outros colegas de turma, destacando o seu mau desempenho e a necessidade de uma melhora urgente.

A seguir, os gráficos ilustrativos mostrando os resultados dos alunos no ensino médio seguido dos alunos no ensino fundamental.





Os resultados referentes aos alunos do Ensino Médio tendem a uma postura mais indireta do

professor. Como podemos observar, a maior porcentagem das respostas dos alunos do Ensino

Médio reflete uma postura mais indireta, ou seja, aquela em que o participante da interação nem comenta sobre uma situação que possa gerar uma ameaça direta à face do outro participante, sendo, portanto, extremamente indiretivo. As outras opções escolhidas por estes alunos também refletem comportamentos mais indiretos.

O oposto, entretanto, ocorre com os alunos do Ensino Fundamental. A maior porcentagem das respostas foram para a opção que revelaria uma tendência extremamente direta, expondo a face do participante para terceiros em uma situação comunicativa, conforme percebemos na escolha da alternativa com quase 30% dos votos. Neste caso, a opção mais votada pelos alunos do Ensino Médio não é escolhida pelos participantes. O mesmo ocorre nos participantes do Ensino Médio, que também não escolhem a opção com maior votação nas turmas de ensino fundamental.

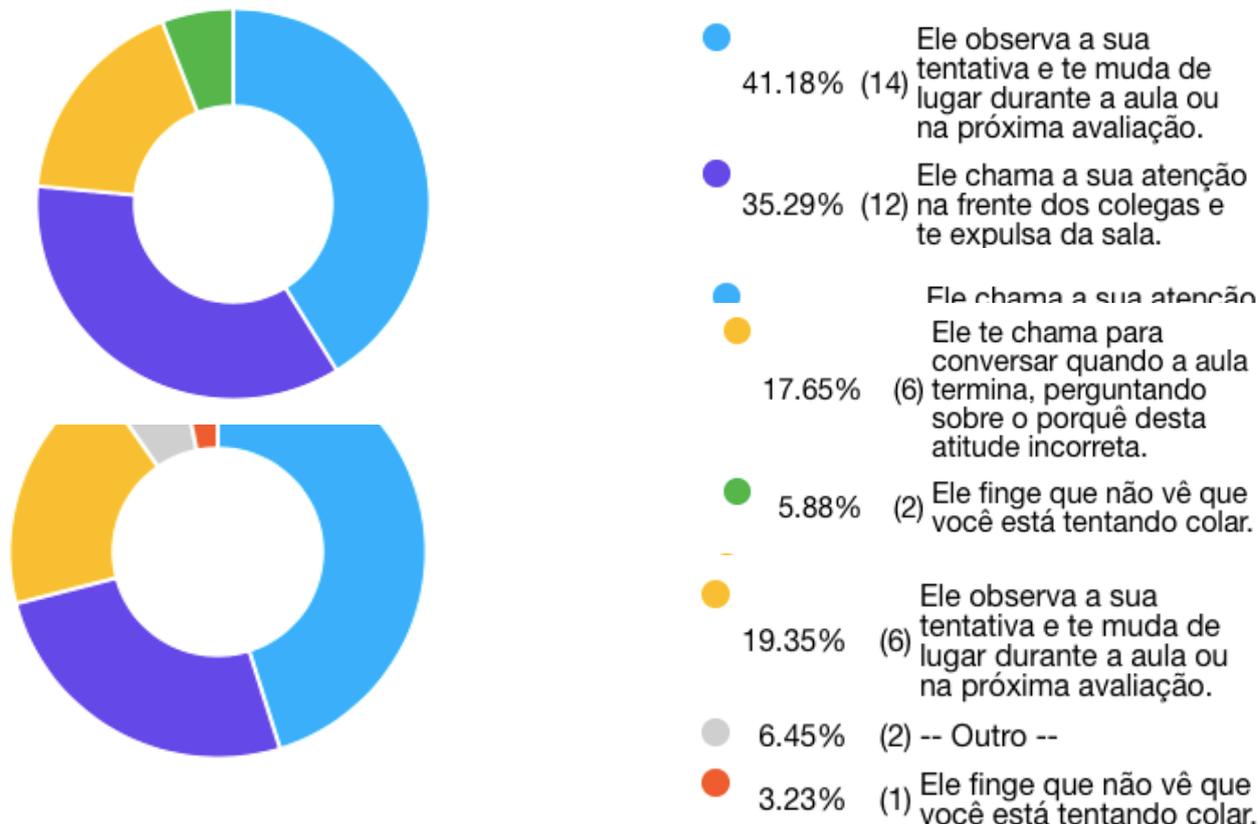
4.2.1.2 SEGUNDA SITUAÇÃO: A TENTATIVA DE COLA

Nesta situação, propomos uma cena na qual o professor percebe que o aluno está tentando obter as respostas das questões através de meios corruptos. Para essa situação foi elaborada a seguinte pergunta: Você não conseguiu estudar para a prova e acabou tendo que colar do seu colega durante a avaliação. Como você acha que a maioria dos seus professores se comportaria ao detectar tal tentativa?

As soluções a esta situação estão apresentadas abaixo em ordem escalar de um comportamento mais indireto para o mais direto. Observe:

- Ele finge que não vê que você está tentando colar.
- Ele te chama para conversar quando a aula termina, perguntando sobre o porquê desta atitude incorreta.
- Ele observa a sua tentativa e te muda de lugar durante a aula ou na próxima avaliação.
- Ele chama a sua atenção na frente dos colegas e te expulsa da sala.

A seguir, os gráficos ilustrativos mostrando os resultados dos alunos no ensino médio seguido dos alunos no ensino fundamental.



Nesta pergunta, o mesmo fenômeno ocorrido na anterior se repete. Os participantes alunos do Ensino Médio tendem a escolher uma atitude mais indireta do professor para a situação de ameaça a face exposta - quase metade dos alunos afirma que o professor o muda de lugar durante a avaliação ou em uma aula seguinte - enquanto os alunos do Ensino Fundamental optam pela atitude mais direta do professor - quase metade afirma que o professor chama a sua atenção na frente dos colegas e o expulsa da sala de aula.

Vale destacar que, em ambos os níveis escolares, a opção mais indireta - aquela a qual o professor finge não estar vendo o aluno tentando colar - é a menos escolhida pelos participantes. A indiretividade extrema neste caso, pela escolha dessa opção, revelaria uma postura antididática do professor, ao não observar os comportamentos inapropriados dos alunos.

4.2.2 A VISÃO DO ALUNO SOBRE O SEU PRÓPRIO COMPORTAMENTO DIRETIVO X INDIRETIVO

4.2.2.1 PRIMEIRA SITUAÇÃO: A TAREFA/TRABALHO NÃO REALIZADA

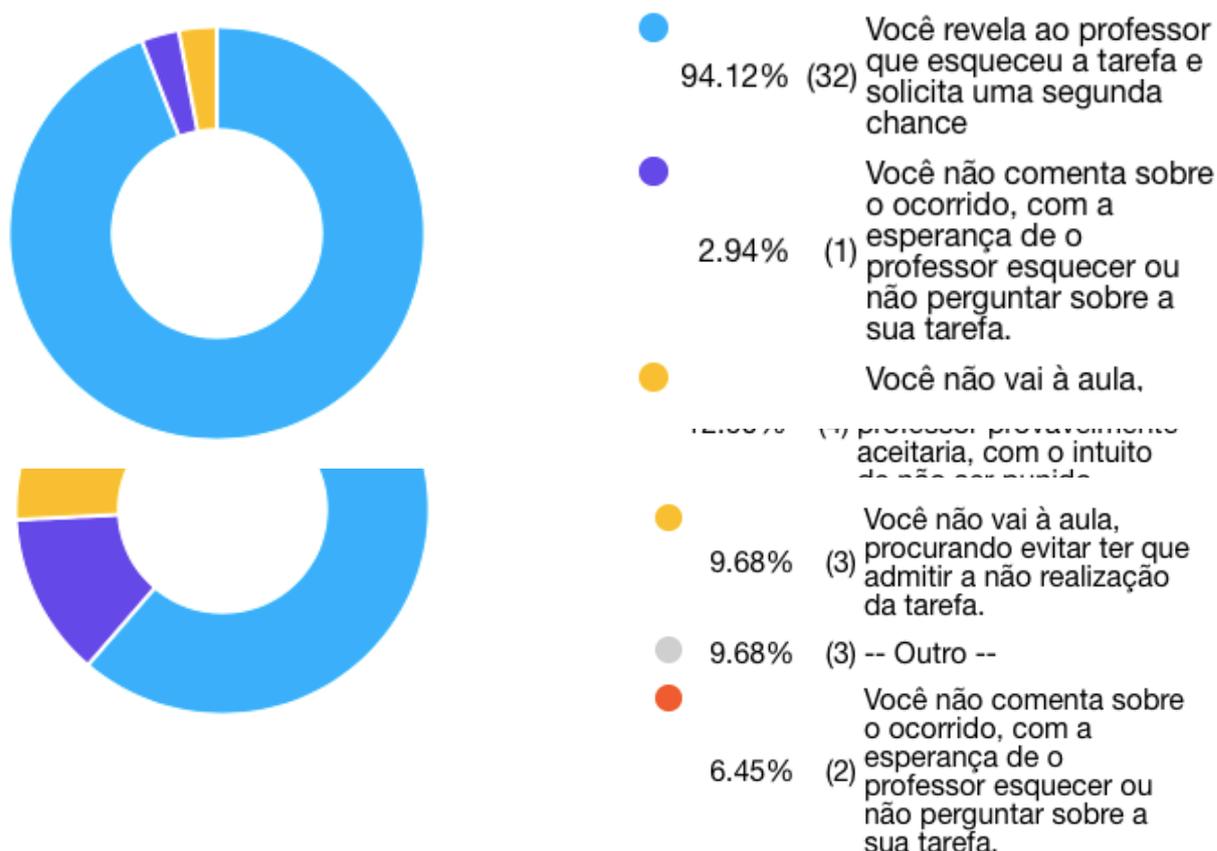
Nesta situação, propomos uma cena na qual o aluno esquece de realizar uma tarefa/trabalho recomendada pelo professor. Para essa situação foi elaborada a seguinte pergunta: O seu professor solicita que você faça uma tarefa/trabalho para uma determinada aula, entretanto, você se esquece da data marcada. Qual das opções abaixo melhor descreve o que você faria nessa situação?

As soluções a esta situação estão apresentadas abaixo em ordem escalar de um comportamento mais indireto para o mais direto. Observe:

- a) Você não vai à aula, procurando evitar ter que admitir a não realização da tarefa.
- b) Você não comenta sobre o ocorrido, com a esperança de o professor esquecer ou não perguntar sobre a sua tarefa.
- c) Você vai à aula e inventa uma desculpa que o seu professor provavelmente aceitaria, com o intuito de não ser punido.
- d) Você revela ao professor que esqueceu a tarefa e solicita uma segunda chance.

A seguir, os gráficos ilustrativos mostrando os resultados dos alunos no ensino médio seguido dos alunos no ensino fundamental.

\



Neste caso, temos um resultado mais aproximado entre os alunos do Ensino Médio e aqueles do Ensino Fundamental. Os participantes do Ensino Médio concentraram suas respostas em apenas duas alternativas, sendo predominantemente o comportamento mais direto - escolhido por quase 95% dos participantes. A segunda opção, mesmo sendo bastante indireta, foi escolhida apenas por um participante. No Ensino Fundamental, temos um cenário mais heterogêneo, entretanto a atitude direta do aluno ainda é a preferida por mais que a metade dos participantes. A segunda opção mais escolhida, com apenas 13% dos votos, é, na escala da diretividade, a seguinte ,após o comportamento considerado mais direto.

Neste caso, portanto, temos um pensamento mais semelhante dos alunos sobre os seus comportamentos nas salas de aula tanto no Ensino Médio quanto no Ensino Fundamental, revelando uma tendência mais diretiva do estudante.

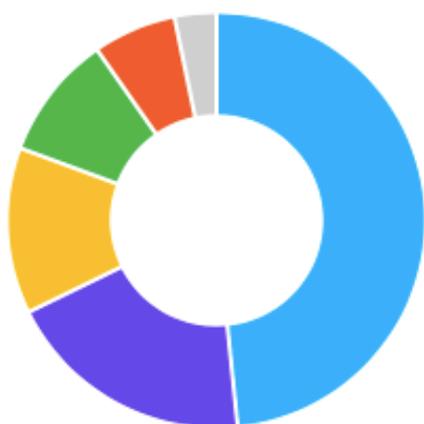
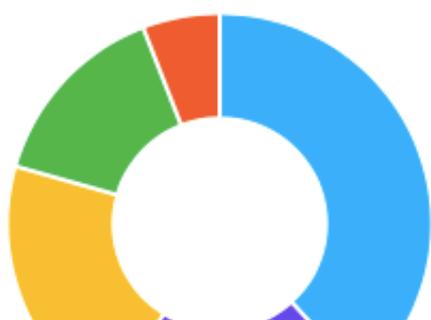
4.2.2.2 SEGUNDA SITUAÇÃO: O ERRO COMETIDO PELO PROFESSOR

Nesta situação, propomos uma cena na qual o aluno detecta um erro cometido pelo professor durante a aula. Para essa situação foi elaborada a seguinte pergunta: Durante a aula, o professor comete um erro que você e seus colegas reconhecem. O que você faz?

As soluções a esta situação estão apresentadas abaixo em ordem escalar de um comportamento mais indireto para o mais direto. Observe:

- Não comenta nada e finge que não viu o erro.
- Não comenta nada com a esperança de que um outro aluno faça o comentário ao professor.
- Comenta o erro com os colegas durante a aula e nos intervalos, mas não diz nada ao professor.
- Espera a aula terminar e comenta com o professor sobre o equívoco.
- Chama a atenção do professor para o erro e o corrige na frente da sala.

A seguir, os gráficos ilustrativos mostrando os resultados dos alunos no ensino médio seguido dos alunos no ensino fundamental.



- 38.24% (13) Espera a aula terminar e comenta com o professor sobre o equívoco.
- 20.59% (7) Chama a atenção do professor para o erro e o corrige na frente da sala.
- 48.39% (15) Chama a atenção do professor para o erro e o corrige na frente da sala.
- 19.35% (6) Espera a aula terminar e comenta com o professor sobre o equívoco.
- 12.90% (4) Não comenta nada e finge que não viu o erro.
- 5.88% (2) Não comenta nada com a esperança que um outro aluno faça o comentário ao professor.
- 9.68% (3) Não comenta nada com a esperança que um outro aluno faça o comentário ao professor.
- 6.45% (2) Comenta o erro com os colegas durante a aula e nos intervalos, mas não diz nada ao professor.
- 3.23% (1) -- Outro --

Novamente, como na situação anterior, apresentamos uma semelhança maior dos resultados de como os alunos veem as suas próprias atitudes em relação ao professor.

No Ensino Médio, a opção com maior recorrência foi a segunda alternativa considerada mais direta, quase 40% dos alunos disseram esperar o final da aula para relatar ao professor sobre o equívoco cometido por ele. A segunda alternativa escolhida, com quase 21%, foi aquela vista como a atitude mais direta e a terceira, com também quase 21%, foi, em nossa escala, a terceira mais direta. Esses dados revelam, portanto, uma tendência diretiva desse aprendiz para com o professor.

No Ensino Fundamental, a opção com quase 50% dos votos dos alunos é aquela considerada a mais direta, ou seja, o aluno chama a atenção do professor sobre o erro na frente da sala. A segunda opção, com quase 20%, é também a segunda atitude considerada mais direta dentre as opções apresentadas. A terceira, com 13%, por outro lado, é a mais indireta, mas vale destacar que ela foi escolhida apenas por 3 alunos em um total de 31 para o Ensino Fundamental.

4.3 A OPÇÃO OUTRO

A alternativa chamada **outro** era uma oportunidade para os alunos acrescentarem suas observações ou apresentarem uma atitude para a situação de ameaça a face que fosse diferente daquelas apresentadas na questão. No cabeçalho do questionário, os participantes eram informados que caso quisessem poderiam acrescentar comentários para completar suas respostas. Entretanto, os alunos/participantes que optaram pela escolha do **outro** não fizeram nenhum comentário; temos duas hipóteses para justificar essa ocorrência: primeira, não foi explicado claramente aos participantes que a opção chamada **outro** destinava-se à oportunidade de eles apresentarem a sua solução para a situação; segunda, eles não estavam interessados em responder aquela pergunta.

Em toda a pesquisa obtivemos apenas cinco escolhas da opção **outro**, o que não nos preocupa muito sobre uma possibilidade de alteração dos resultados sobre o aspecto cultural diretivo e indiretivo no cenário educativo do Brasil

5. CONCLUSÕES E FUTUROS ESTUDOS

Este trabalho pretendeu estabelecer de que forma os participantes interagem em espaços educacionais no Brasil no que tange aos comportamentos diretivos e indiretivos. Dois cenários diferentes foram criados para esta análise: um primeiro, no qual o aluno relatava o comportamento do professor e um segundo, no qual o aluno relatava o seu próprio comportamento diante de situações diversas de ameaça a face. Este questionário foi também aplicado para dois níveis escolares diferentes - ensino médio e fundamental. Houve uma terceira tentativa de aplicá-lo a graduação, mas achamos mais adequado deixar esta proposta para estudos futuros.

No primeiro cenário, as respostas obtidas dos alunos do Ensino Médio foram inversas aquelas encontradas do Ensino Fundamental. O professor parece ser muito mais indiretivo no Ensino Médio do que no Ensino Fundamental. Uma hipótese para justificar esta atitude revela-se quanto ao amadurecimento dos alunos que frequentam o Ensino Médio no Brasil, diferente daqueles que ainda estão no Ensino Fundamental. Conforme observamos nos gráficos referentes as perguntas identitárias, o Ensino Médio possui alunos maiores até de 25 anos. Este indício fortalece a hipótese de que professores que trabalham com o Ensino Médio já enxergam seus alunos como adultos e encenam uma situação comunicativa mais indireta pela diminuição da hierarquia social. Conforme proposto por Hofstede (2010), a sociedade brasileira é bastante hierarquizada, ou seja, alguns

integrantes possuem mais poder do que outros. Esta relação hierárquica é maior entre adultos e crianças do que entre adultos e adultos, revelando esse comportamento mais diretivo dos professores com os alunos do Ensino Fundamental do que com aqueles do Ensino Médio.

No segundo cenário, as respostas do Ensino Médio e do Ensino fundamental geraram um resultado parecido. Ambos os grupos de alunos veem os seus comportamentos com o professor no cenário da sala de aula de forma diretiva; o que, por sua vez, questiona a dimensão da hierarquia de Hofstede (2010). Sociedades mais hierarquizadas tendem a respeitar o seu superior, utilizando de estratégias de polidez e de indiretividade mais recorrentemente, o que não verificamos, portanto no cenário educacional nesta pesquisa.

Dessa forma, podemos afirmar que nossa hipótese se confirma no que tange ao comportamento do aluno para com o professor, mas não no que se refere ao comportamento do professor para com o aluno.

A faixa etária e o nível de escolaridade são variáveis que influenciam nos resultados obtidos. Ao falarmos de variáveis nos resultados obtidos, abrimos espaço para tantos novos futuros estudos que possam surgir a partir desta primeira tentativa. Apresentaremos quatro propostas que enriqueceriam os dados deste trabalho corroborando ou modificando os resultados aqui apresentados:

(a) quais os dados que encontraríamos se aplicássemos esse questionário de forma adaptada à realidade acadêmica em diferentes cursos superiores? - Acreditamos que a aplicação do questionário em graduandos de outros cursos que não sejam exclusivamente aqueles ligados à prática da docência enriqueceriam os resultados deste trabalho.

(b) quais os resultados obtidos se a mesma pesquisa for realizada no sistema privado de Ensino? - O Brasil possui dois tipos de sistemas educacionais - público e privado - que refletem diferentes realidades socioeconômicas tanto de estudantes quanto de professores, o que, poderia, por sua vez, modificar os dados aqui expostos.

(c) quais os dados que obteríamos se aplicássemos esta pesquisa também aos professores dessas escolas? - Este estudo concentrou na visão que os alunos tem sobre seus comportamentos e sobre os comportamentos dos professores. Entretanto, acreditamos que se os professores respondessem um questionário semelhante a este, com o mesmo propósito, poderíamos obter resultados diferentes quanto a diretividade e indiretividade.

(d) quais os dados contrastantes que encontraríamos ao aplicarmos este mesmo questionário à realidades de outros países? - Sugerimos, por fim, a pesquisa comparativa entre os dados deste trabalho com aqueles obtidos em outros países.

Assim, finalizamos este trabalho com o intuito de torná-lo uma possibilidade de novas descobertas sobre cenários e públicos diferentes daqueles já estudados quando avaliados os aspectos culturais diretivos e indiretivos da sociedade brasileira. Demonstramos como que no ambiente escolar constituído de participantes da chamada geração Z há uma grande possibilidade de se obterem dados diferentes daqueles propostos pelos autores interculturais supracitados nesta pesquisa.

6. REFERÊNCIAS

- AFONSO, Veronica Cristina Gomes. *I am what I am or Yer, We can? A comparative study on Individualism and Collectivism in the American and Brazilian cultures*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Dissertação de Mestrado, 2016.
- BROWN, Penelope & LEVINSON, Stephen C. (1978) *Politeness: some universals in language use*. Cambridge, Cambridge University Press.
- GOFFMAN, Erving *Ritual de la interacción*. Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 1970.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Companhia das Letras, Edição comemorativa 70 anos. 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções*. In: CASTILHO, Ataliba T. de (Org.) português culto falado no Brasil. Campinas, Unicamp, 1989.

SILVA, Luis Antônio da. *Polidez na interação professor/aluno*. s/c: s/ed. ,1998, pag. 109 - 130.

HOFSTEDE, Geert H. *Cultures and organizations: software of the mind: intercultural cooperation and its importance for survival*. 3a edição. Estados Unidos, McGraw-Hill. 2010. 558p.

LEWIS, R. D. ***When Cultures Collide: leading across cultures***. Nicholas Brealey International. 1a edição 1996, 3a edição revisada. Estados Unidos. 2006. 625p.

PETERSON, B. *Cultural Intelligence*. Yarmouth: Intercultural Press, 2004.

PEW RESEARCH CENTER. *How Millennials today compare with their grandparents 50 years ago*. Disponível em <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2015/03/19/how-millennials-compare-with-their-grandparents/> . 2015. Acesso em 08 de janeiro de 2016.